

JB
16/8/97 8

ENTREVISTA BETTY MINDLIN

“O mundo indígena é assombroso”

A antropóloga paulista Betty Mindlin trocou a aridez das teorias acadêmicas pela intuição feminina. E assim, sem a trava intelectual, mergulhou nas profundezas da mitologia erótica dos índios de Rondônia. O resultado dessa aventura está no livro *Moqueca de maridos* (Editora Rosa dos Tempos, 303 páginas), que está chegando às livrarias. Com título bem-temperado, trata-se de uma coletânea de mitos eróticos milenares, recolhidos em várias aldeias do extremo norte do país. “A relação entre um pajé contador de histórias e a ouvinte branca tem sido mágica. Tornei-me uma escriba das aldeias”, diz. Um mesmo tema atravessa a mitologia amorosa indígena: o confronto entre homem e mulher. Nestas histórias, “não ficam claros os limites entre o real e o fantástico, entre o natural e o sobrenatural, e esta é a magia dos mitos. Corpos de mulheres e homens fragmentam-se e seus pedaços mutilados anseiam, desejam, vingam-se e morrem”, conta. Conhecida internacionalmente por defender os direitos agrários dos índios de Rondônia, missão à qual se lançou já na época da ditadura militar, nos anos 70, a antropóloga é uma das coordenadoras do Instituto de Antropologia e Meio Ambiente (IAMÁ), onde também desenvolve projetos de defesa dessas culturas.



Rogério Albuquerque - São Paulo

LAURA GREENHALGH

– Como a senhora tornou-se uma especialista em mitos indígenas?

– Este é o meu terceiro livro dedicado à mitologia indígena. Os dois primeiros foram *Tuparis e Tarupás e Vozes da origem*. Juntos, compõem uma trilogia feita a partir de pesquisas em comunidades indígenas de Rondônia. O terceiro livro teve um processo de criação diferente dos anteriores. Em *Vozes da origem*, por exemplo, transcrevi as histórias contadas nos idiomas das tribos para uma escrita que eu ainda estava inventando, baseada em aproximações fonéticas. Já em *Moqueca de maridos*, gravei os mitos narrados por pajés, caciques e índias das aldeias, sempre na presença de intérpretes, ou seja, índios que dominam a língua de origem e a língua aprendida. Traduzidos os mitos, dei uma forma literária às histórias, cuidando para que elas não perdessem as características da oralidade.

– As histórias são recolhidas de diferentes povos – os macurapes, tuparis, aruás, arikapus, ajurus. Enfim, cada povo tem seus mitos?

– Muitas vezes estas histórias, que devem ter mais de dez mil anos de idade, surgem em povos distintos e vão ganhando formatos novos. É o caso do mito da “cabeça voadora”. Em poucas palavras, este mito fala de uma cabeça de mulher que à noite descola-se do corpo, vaga pelo mundo, devora toda carne que vê pela frente e ter-

mina colando-se ao ombro do marido, como se fosse um estorvo. A primeira vez que ouvi essa história foi entre os tupari. Depois reencontrei-a entre os macurapes e os aruá, narrada com desfechos diferentes. De qualquer forma, eu me apaixonei pela imagem de uma mulher-cabeça, que se liberta do corpo para buscar novos horizontes. O que seria essa voracidade? Seria desejo de ser livre? Seria a sexualidade aflorada? Recentemente, relendo a obra de Lévi-Strauss, percebi que ele dedicou um livro inteiro a esta cabeça. Trata-se de um mito que passou por vários povos indígenas, da América do Norte até a América do Sul.

– Como é que a senhora seleciona um narrador de mitos?

– Depois de 20 anos de trabalho nas aldeias de Rondônia, é claro que quando chego por lá os índios já sabem que eu quero ouvir histórias. E eles as contam, seja em ritos da aldeia, seja em conversas. Sempre pergunto quem são os pajés e os melhores contadores do lugar. Em geral, os pajés têm acesso a uma tradição que os demais índios não têm. E as índias velhas, elas são fabulosas! Seleciono os narradores com o pessoal da aldeia, explico em detalhes o projeto dos livros e eles recebem os direitos autorais.

– De que vivem as comunidades que a senhora visita?

– Em geral elas se organizam em malocas perto dos rios e têm lavouras. Atualmente há problemas terríveis com

o comércio de madeira. Os índios vendem um metro cúbico de mogno por 50 reais, quando deveriam receber mil reais, no mínimo. São explorados pelas madeireiras. O pior é que se tornam dependentes do dinheiro, além de atuarem numa atividade predatória.

– Como é deve ser lido um mito indígena? Como uma história? Um caso folclórico? Uma fábula?

– O mito não tem sentido absoluto. Portanto, cada pessoa o vê de uma maneira própria, de acordo com suas projeções psicológicas e analogias. Em *Moqueca de maridos*, eu inclusive me afasto das teorias antropológicas para mergulhar na mitologia amorosa e erótica. Os teóricos falam em arquétipos, idéias elementares e estruturas de linguagem para explicar o que são os mitos. Deixei tudo isso de lado para trabalhar de maneira intuitiva.

– Afinal, o que é uma moqueca de maridos?

– É um mito-canção que está desaparecendo. Pode resgatá-lo entre os macurapes, trabalhando em parceria com a cantora e compositora Marliu Miranda. Esta canção fala de uma velha que ensina moças a comer os maridos. Ao descobrir a comilança, os homens sobreviventes se vingam e matam as mulheres, exceto duas, que não haviam comido carne de homem. Estas mulheres dão a luz a outros homens e mulheres e, então, o mundo volta a ficar equilibrado. A comilança dos maridos lembra rituais dionisíacos, como se fossem as Bacantes, na tradição clássica.

– Enfim, ao devorar maridos, as mulheres

rebelam-se contra os homens?

– A mitologia amorosa indígena tem uma nota principal: é o confronto entre mulheres e homens. O livro quase se chamou *A guerra dos pinguelos* que, na verdade, significa o confronto entre o pênis e o clitóris. Os pinguelos aparecem em incontáveis mitos, duelando, disputando o poder. Existem mitos de mulheres cujos maridos são mortos por uma anta-namorado, que aparece de vez em quando para vingar e dar prazer. Ou seja, os animais criam simbioses fantásticas com os humanos e participam do confronto homem/mulher.

– E os espíritos, onde é que eles entram?

– Eles estão presentes em toda a mitologia. São os *txopokod*. O mundo indígena é extremamente assustador e assombroso. Em certos grupos, não se pode falar o nome dos mortos porque os *txopokod* voltam trazendo aflições, doenças e novas mortes. Embora alguns espíritos sejam bobalhões ou moleques, a maior parte deles é ameaçadora. Não ficam claros os limites entre o real e o fantástico, entre o natural e o sobrenatural, e esta é a magia dos mitos. Corpos de mulheres e homens fragmentam-se e seus pedaços ganham vida própria. Estes corpos mutilados anseiam, desejam, vingam-se, morrem, como no mito *O amante txopokod* e *A menina do pinguelo gigante*, no qual a moça se enamora de um braço de homem.

– A partir desses mitos, pode-se dizer que o erotismo indígena é mais exaltado?

– Os parâmetros são outros. Os povos indígenas têm um contato maior com a vida do que nós, os brancos. Os homens são muito namoradores e as mulheres, exímias na arte da sedução e do disfarce. A vida sexual nas comunidades começa cedo, muitas vezes antes da menarca (a primeira menstruação) das meninas. Nas aldeias de Rondônia, vejo uma imensa disputa por meninas índias, da parte dos índios mais velhos. Sem ter com quem se iniciar, os meninos relacionam-se com as velhas. Tudo isso pode ser chocante para nós, mas é normal entre eles.

– Pode-se dizer que há maior liberdade nas relações?

– Por um lado, sim. As escapadas para o mato são frequentes, é lá que as coisas acontecem e não nas malocas. Também são comuns, no plano mítico e real, as caminhadas para buscar mel na floresta. A própria simbologia do mel, um néctar doce, delicado, tem a ver com afeto, carícias. Por outro lado, essa mitologia denuncia um lado repressivo muito forte. Há vários mitos em que a mulher morre simplesmente porque não quis casar com o noivo. É uma ofensa gravíssima. O noivo mata a noiva, corta-a em pedaços e os leva para a futura sogra comer. Há mitos que retratam estupros coletivos, muito violentos.

– E como são as paixões?

– Os mitos revelam que as paixões mais arrebatadoras são as incestuosas, porque são as mais proibidas. O incesto é horrível entre os índios, a ponto dos rebentos destes amantes proibidos estarem condenados à morte. Em determinados grupos, relações entre irmãos são permitidas, mas não entre primos.

– Lendo os mitos de *Moqueca de maridos*, descobrem-se situações curiosas, como a menstruação dos homens. Como é que o imaginário indígena produz essas figuras fantásticas?

– Elas sempre resultam do confronto homem/mulher. No princípio do mundo, segundo o mito tupari, os homens é que escorriam sangue, quietos e tristonhos em suas malocas. As mulheres tanto zombaram deles que a praga voltou-se contra elas.